



*La cara de la guerra.* Salvador Dalí.  
1940, fotografia (detalhe).

# *A Farsália,* de Lucano, como obra historiográfica

*Leni Ribeiro Leite*

Doutora em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e dos Programas de Pós-graduação em Letras e em História da mesma instituição. Pesquisadora do CNPq. Autora, entre outros livros, de *Épica II: Ovídio, Lucano, Estácio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. leni.ribeiro@gmail.com

## A *Farsália*, de Lucano, como obra historiográfica

Lucan's *Pharsalia* as a historiographic work

*Leni Ribeiro Leite*

### RESUMO

Partindo das reflexões de Rao, Shulman e Subrahmanyam sobre a textura das narrativas históricas e do que aponta Vieira acerca dos princípios da épica romana como textos de caráter eminentemente historiográficos, procuramos neste artigo observar de que forma a *Guerra civil* de Lucano se aproxima mais de uma narrativa historiográfica romana, a partir do que Laird chama de “retórica da historiografia romana”, do que da epopeia vergiliana, tomada como exemplar. Para tanto, analisaremos trechos da obra de Lucano em contraste com outras, como as de Plínio o Velho, Tito Lívio e Veleio Patérculo. Com isso, pretendemos trazer um exemplo de como gêneros entendidos como eminentemente ficcionais, como a epopeia, podem ser considerados historiográficos em outras sociedades.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Farsália*; Lucano; épica histórica.

### ABSTRACT

Using the concept of texture by Rao, Shulman and Subrahmanyam as a starting point, and what Vieira established regarding the beginnings of epic poetry in Rome as texts of an eminently historiographical character, this paper aims at observing how Lucan's *Civil War* is closer to a Roman history narrative, based on what Laird calls “rhetoric of Roman historiography” than to the Vergilian epic, usually considered the example of the genre. To do so, we analyse excerpts of Lucan's poem in contrast with others by Pliny the Elder, Livy and Velleius. With this paper, we hope to provide an example that works in genres understood as eminently fictional, such as the epic, can be considered historiographical by other societies.

**KEYWORDS:** *Pharsalia*; Lucan; historic epic.

<sup>1</sup> WOODMAN, Anthony John. *Rhetoric in classical historiography: Four Studies*. London/New York: Routledge, 1988.

<sup>2</sup> LACAPRA, Dominick. *History and criticism*. Ithaca: New York, 1987.

<sup>3</sup> Isso não significa que não haja desconfortos e confrontos quanto a esta relação. Uma discussão mais completa acerca dessa difícil relação entre pós-modernismo e a História como disciplina encontra-se em BATSTONE, William. *Postmodern historiographical theory and the Roman historians*. In: FELDHERR, Andrew. *The Cambridge Companion to the Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University, 2009.

<sup>4</sup> LAIRD, Andrew. *The rhetoric of Roman historiography*. In: FELDHERR, Andrew, *op. cit.*



A onda de modificações ocorridas durante o século XX na forma de se compreender a História e sua escrita, com raízes no Giro Linguístico, emblematicamente materializada pela obra de Hayden White, rapidamente chegou aos Estudos Clássicos. Em 1988, A. J. Woodman<sup>1</sup> mostrava a importância das teorias retóricas antigas na leitura e interpretação dos escritos historiográficos antigos, quase ao mesmo tempo em que LaCapra<sup>2</sup> chamava atenção para o papel da retórica na construção da disciplina História em uma temporalidade mais extensa. Trinta anos se passaram desde a publicação destes textos seminais, e podemos dizer que hoje os historiadores mais se debruçam sobre questões ligadas à maneira pela qual as fontes constroem sentido, não mais entendendo-as como as transmissoras inocentes de um sentido unívoco e intrínseco.<sup>3</sup> Logo, toda narrativa historiográfica é necessariamente não-verídica, no sentido de não atender

a qualquer padrão universal de veracidade, mas é conectada à situação de enunciação, ao lugar ideológico de onde ela provém ou, como disse Laird<sup>4</sup>, em termos mais simples, ao lugar do historiador na história.

Portanto, pode-se entender não ser mais necessário defender que um texto venha a ser considerado historiográfico em uma dada sociedade em uma dada época, mas não sê-lo para a História como disciplina desenvolvida sobre bases iluministas e cientificistas, como demonstram Rao, Shulman e Subramanyam<sup>5</sup> em relação aos textos da Índia anterior à invasão britânica, ou mesmo ser parte do ofício do historiador justificar o uso de fontes que não se reconheçam como historiográficas hoje. Entretanto, essa discussão ainda não chegou ao seu cabo: não apenas a cultura material e as fontes orais ainda lutam por seu reconhecimento pleno, mas textos de gêneros e formas pouco esperados tendem a passar despercebidos de obras de cunho historiográfico, e ainda precisam ser justificadas, ou, ao menos trazidas à tona.<sup>6</sup>

É preciso sempre lembrar que essas separações entre história, literatura e outras formas da escrita são elas mesmas historicamente delimitadas por categorias inscritas no campo literário em análise, e uma mesma obra pode variar em seu pertencimento a gêneros e formas conforme o momento que se observa.<sup>7</sup> Como diria Conte<sup>8</sup>, os gêneros não são formas de literatura estáticas, mas estratégias de representação, fluidas e mutáveis. É o que exemplificam Rao, Shulman e Subrahmanyam<sup>9</sup> ao confrontarem uma situação que pretendemos tomar como paralela ao tratamento dado a alguns textos latinos. Em seu primeiro capítulo, os autores descrevem como os historiadores europeus chegaram ao sul da Índia a reboque da invasão britânica e encontraram, para uma visão moderna de História, uma região sem consciência ou narrativa histórica digna de seu nome, mas apenas um punhado de “mitos, lendas, literatura, histórias purânicas, folclore e fantasmagoria de vários tipos e formas”.<sup>10</sup> Portanto, para recuperar as informações factuais sobre a Índia pré-colonial, os historiadores do XIX se valeram dos dados empíricos fornecidos por inscrições, moedas e outros materiais do tipo, além do que era oferecido por visitantes aqui e ali – estes, mais confiáveis do que os nativos – de forma que se reconheçam, junto a essas fontes “duras”, adequadas, as fontes próprias da tradição indiana como “literárias”, “recalcitrantes”. Negou-se portanto aos indianos não só uma consciência de sua historicidade como uma forma textual própria para que se exarasse essa historicidade. Na obra em questão, Rao, Shulman e Subrahmanyam se opõem a esta visão, e buscam devolver o lugar de História a uma quantidade significativa de textos produzidos no sul da Índia e que foram descartados por esta historiografia rígida do século XIX, que os considerava coloridos, ricos, dramáticos demais para serem textos historiográficos.

Comparando a situação narrada por Rao, Shulman e Subrahmanyam com a historiografia romana, há diferenças, se não por outras razões, porque a própria tradição historiográfica europeia sempre viu suas raízes na Grécia e em Roma.<sup>11</sup> Entende-se portanto que os romanos tinham consciência de sua própria historicidade, e o fato de que havia na Antiguidade regras e pressupostos acerca da escrita da história não pode ser negado, uma vez que as metanarrativas são frequentes em autores como Salústio, Tito Lívio, Cícero e César, para citar apenas alguns dos romanos que falam abertamente sobre ela.<sup>12</sup> Ainda assim, conforme discute Laird,<sup>13</sup> a afirmação de Cícero<sup>14</sup> de que a história é uma tarefa para oradores tem sido usada para justificar

<sup>5</sup> RAO, Velcheru Narayana, SHULMAN, David e SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Textures of time: writing History in South India 1600-1800*. Ranikhet: Permanent Black, 2001.

<sup>6</sup> Cite-se, como exemplo, a coletânea de Devillers e Sebastiani, que se propõe justamente um debate sobre as fontes e modelos dos historiadores, que com frequência se encontram para além dos limites dos textos tradicionalmente considerados historiográficos. Cf. DEVILLERS, Olivier e SEBASTIANI, Breno Battistin. *Sources et modèles des historiens anciens*. Bourdeaux: Ausonius, 2018.

<sup>7</sup> Entendemos campo literário como um conceito derivado da teoria dos campos, de Bourdieu, e refinada por Maingueneau; o campo literário é um dos campos discursivos, isto é, um dos conjuntos de posicionamentos discursivos, de identidades enunciativas que concorrem dinamicamente em um mesmo espaço e tempo. O campo literário é este conjunto de posicionamentos no que se refere às Letras; no caso da Roma Antiga, um conjunto mais amplo do que o que hoje chamaríamos literatura. Cf. MAINGUENEAU, Dominique. Campo discursivo. In: CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

<sup>8</sup> CONTE, Gian Biagio. *Genres and readers: Lucretius, Love Elegy, Pliny's Encyclopaedia*. Baltimore: Johns Hopkins University, 1994, p. 112.

<sup>9</sup> RAO, Velcheru Narayana, SHULMAN, David e SUBRAHMANYAM, Sanjay, *op.cit.*, p. 15.

<sup>10</sup> *Idem, ibidem*, p. 15.

<sup>11</sup> Veja-se, por exemplo, HARTOG, François. *A história de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2001.

<sup>12</sup> Ver BATSTONE, William, *op.cit.*, p. 30-39.

<sup>13</sup> Ver LAIRD, Andrew., *op.cit.*, p. 199 e 200.

<sup>14</sup> Cic., *de Or.*, 2.62-64. Ver CÍCERO. Do orador. In: SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – FFLCH, São Paulo, 2009.

<sup>15</sup> Ver BATSTONE, William, *op. cit.*, p. 27.

<sup>16</sup> *Idem, ibidem*, p. 30 e 31, e LAIRD, Andrew, *op. cit.*, p. 201 e 202.

<sup>17</sup> RAO, Velcheru Narayana, SHULMAN, David e SUBRAHMANYAM, Sanjay, *op. cit.*, p. 15.

<sup>18</sup> HARTOG, François, *op. cit.*, p. 17.

<sup>19</sup> Arist. *Poet.*, 9,1451a. Ver ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Editora 34, 2015.

<sup>20</sup> Polib. *Hist.*, 2.56.11. Ver POLÍBIO. *História*. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

<sup>21</sup> VIEIRA, Brunno Vinicius Gonçalves. A epopeia histórica em Roma de Névio a Lucano. In: SILVA, Gilvan Ventura da e LEITE, Leni Ribeiro. *As múltiplas faces do discurso em Roma: textos, inscrições, imagens*. Vitória: Edufes, 2013, p. 26.

não apenas que a História era um ramo da Retórica na Antiguidade, mas para embasar um entendimento de pouco comprometimento com a veracidade – ainda que um pouco antes, na mesma obra, Cícero tenha dito que “na história tudo deve se voltar para a verdade” (*ad veritatem referantur*) –, igualando retórica a ficção, como se a Retórica Antiga não fosse enraizada no cotidiano, como se todo discurso não fosse, por sua própria natureza discursiva, um ato de ficcionalização.<sup>15</sup> Em suma, a história como escrita pelos romanos, ainda que talvez mais próxima do que esperava a História do século XIX, também foi sujeita a recortes e supressões em suas fontes, e mesmo os relatos mais próximos dos padrões esperados foram criticados pela falta de precisão, por acrescentar fábulas e lendas, por criar as falas de personagens há muito mortas, entre outras demandas que buscavam claramente um texto historiográfico de padrão moderno em uma obra escrita há dois mil anos.<sup>16</sup>

Se as obras em prosa que se apresentam e propõem como historiográficas sofreram tais julgamentos, obras latinas em outros formatos ou pertencentes a outros gêneros foram ainda mais afastados da honrosa posição de dignos do rótulo de História. Esta superespecialização do gênero historiográfico como apenas um gênero de escrita é, porém, uma das características da História como disciplina desenvolvida na Europa Ocidental. Ela não é um requisito fundamental ou uma realidade natural das narrativas sobre o passado. Ainda Rao, Shulman e Subrahmanyam<sup>17</sup> defendem que esse tipo de especialização não ocorreu na maior parte do mundo, e que ela se deu muito mais por razões profissionais e institucionais do que por alguma necessidade intrínseca aos relatos factuais: a escrita da história não é necessariamente o monopólio de uma categoria ou de um tipo de texto. A própria Antiguidade porém ofereceu testemunhos de que essa era uma questão digna de debate: os gregos, conforme Hartog,<sup>18</sup> não inventam a História, mas inventam o historiador enquanto sujeito que escreve. Esse sujeito que escreve história vai se determinando e definindo a cada momento, muitas vezes no negativo de um outro: ele não é um filósofo, ele não é um retor, ele não é um poeta. As constantes necessidades de afirmação parecem porém indicar que havia alguma confusão a este respeito no campo, e Aristóteles nos legou este debate, ao lembrar que “o historiador e o poeta não diferem por falar em metros ou sem eles (pois as obras de Heródoto poderiam ser metrificadas e não seriam menos história com metro ou sem ele)”.<sup>19</sup> Nas definições de Aristóteles (e Políbio, talvez em resposta a Aristóteles),<sup>20</sup> que discutem o que compete ao historiador e qual seu gênero de escrita, em comparação a outros que não parecem aos olhos modernos competir com a História, como a tragédia e a epopeia, adivinha-se um posicionamento oposto, que elide e mistura esses elementos que nossos autores queriam separados.

## A epopeia histórica na Roma Antiga

Já nos primeiros registros de textos literários em latim encontramos obras que tratam de temas históricos, mas são expressos em versos e são categorizados como pertencentes ao gênero épico. Ambos de meados do séc. III AEC, os primeiros desses poemas são o *Bellum Punicum*, de Névio, em versos satúrnios, e os *Annales*, de Ênio, em hexâmetros datílicos. Segundo Vieira,<sup>21</sup> essas obras testemunham que a epopeia em Roma foi, desde seu início, expressão de feitos históricos, principalmente aqueles

contemporâneos aos seus poetas. A estranheza que essas epopeias sobre assuntos históricos podem causar são fruto de nossa contemporaneidade, de uma História em prosa, comprometida exclusivamente com o factual e o verídico; em Roma, a epopeia histórica sempre esteve em voga, sendo produzida de forma ininterrupta desde os albores das letras latinas e, conforme lembra Conte,<sup>22</sup> se ela nos parece menor ou menos frequente, isso se deve mais às vicissitudes da transmissão, pois de muitas dessas obras possuímos apenas os títulos, nomes de autores e alguns fragmentos isolados como testemunho de sua existência. Mas, como afirma Reed,<sup>23</sup> a história romana como material épico não era a exceção, e sim o próprio *mainstream* da escrita em Roma. Para além dos já mencionados Nêvio e Ênio, podemos citar o *Bellum Histricum*, de Hóstio; os *Annales*, de Volúcio; os *Annales Belli Gallici*, de Fúrio Bibáculo; e o *Bellum Sequanicum*, de Varrão Atacino como exemplos de epopeias romanas sobre tema histórico – as duas últimas, sobre temas contemporâneos aos seus autores – apenas no período entre os séculos II e I AEC.

Ainda segundo Reed,<sup>24</sup> a epopeia de tipo mitológico era a predominante no mundo grego; ela só se torna padrão em Roma de maneira tardia, sendo especialmente um desenvolvimento do período augustano. No entanto, como Vieira<sup>25</sup> apresenta, nos parece que a oposição entre mítico e lendário como domínio do épico, de um lado, e o factual como domínio do historiográfico, de outro, não se sustenta mesmo quando consultados os historiadores. Tito Lívio, no prólogo do *Ab Urbe Condita*, distingue *res gestae* (fatos, ações) de *fabula* (mito, ficção), mas concede que os mitos poéticos são permitidos ao próprio historiador, pela elevação majestosa que eles propiciam ao texto historiográfico – o que, nos parece, nenhum historiador dos séculos XIX e XX admitiria. Assim, de certa forma, pode-se dizer que o modo como a epopeia histórica tratou mitos e feitos é assimilável “àquele da História de um Tito Lívio, à medida que epopeias dessa vertente se centram no relato histórico e trazem mitos como adorno”.<sup>26</sup>

Esta provocação de Vieira, ao dizer que a obra tradicionalmente considerada historiográfica de Tito Lívio é tão adornada de mitos como uma epopeia, faz-nos pensar se um homem romano, alheio portanto aos conceitos e preconceitos da História como disciplina forjada na bigorna do Iluminismo, veria em uma epopeia histórica o mesmo gênero que ele apontaria em uma prosa historiográfica; quais os sinais que ele encontraria em um e outro texto, e quais deles apontariam para diferentes níveis de ficcionalidade ou veracidade; em suma, pensamos em que elementos das texturas dessas obras seriam percebidas como próprias de relatos dignos de receberem a alcunha de historiográficos. O conceito de textura como aqui usamos é o de Rao, Shulman e Subrahmanyam,<sup>27</sup> que, a propósito das obras expurgadas da História do sul da Índia, buscando estabelecer se um texto pode ser considerado historiográfico para uma comunidade, mesmo que não o seja para o historiador tradicional, observam que há elementos imbricados no próprio texto, essenciais e patentes para os falantes de uma língua no momento de produção, que indicam pertença ou não-pertença às categorias de textos factuais ou ficcionais. Não é difícil, por exemplo, para um leitor médio em nossa contemporaneidade, perceber a diferença entre uma obra de História, um romance histórico e um romance ficcional, ainda que as três sejam obras longas em prosa, divididas em capítulos e transmitidas sobre as mesmas materialidades. As características textuais que os diferenciam são o que os autores chamam textura, e compreende a



<sup>22</sup> CONTE, Gian Biagio. *Latin literature: a history*. Baltimore/London: The Johns Hopkins University, 1994, p. 429.

<sup>23</sup> REED, Joseph D. *The Bellum Civile as a Roman epic*. In: ASSO, Paolo (ed.). *Brill's Companion to Lucan*. Leiden: Brill, 2011, p. 21.

<sup>24</sup> *Idem, ibidem*, p. 21 e 22.

<sup>25</sup> VIEIRA, Brunno Vinícius Gonçalves, *op. cit.*, p. 26 e 27.

<sup>26</sup> *Idem, ibidem*, p. 27.

<sup>27</sup> RAO, Velcheru Narayana, SHULMAN, David e SUBRAHMANYAM, Sanjay, *op. cit.*, p. 17-19.

ação conjunta e combinada de uma grande quantidade de elementos, tais como marcadores, operadores de mudança discursiva, sintaxe, escolha lexical, indicadores semânticos, densidade e intensidade da expressão, ausências e silêncios estruturais, dispositivos métricos, indicadores diversos de estética sonora, entre outros.<sup>28</sup>

### Lucano como um caso notável

Perceber a textura do discurso historiográfico na Roma antiga é uma tarefa por demais ampla para o escopo deste artigo. No entanto, uma obra como o *De Bello Civili*, de Lucano, uma epopeia que, por um lado, segue na esteira das tradicionais epopeias históricas romanas; por outro, precisa responder à profunda marca que a *Eneida* de Vergílio deixou no gênero épico romano, como epopeia mitológica vinculada ao ciclo de Troia, parece-nos fecunda para uma interrogação acerca do que poderia haver, na textura de uma obra, que a denotasse como historiográfica, mesmo que desenvolvida em metro e em gênero vinculados para nós ao terreno do ficcional. Porque, sem dúvida, havia algo nesses poemas épicos que para os próprios romanos os marcava como factuais, históricos, latinos, em oposição às epopeias mitológicas gregas, ainda que os séculos mais próximos de nós tenham terminantemente negado a elas o prestígio da História.

Um indício de uma interpretação diversa do caráter dessas epopeias nos legou Estácio ao falar de Lucano, comparando o *De Bello Civili* às outras epopeias mitológicas. Enquanto outros poetas falam do “retorno de Ulisses demorado”, claramente remetendo à *Odisseia*, ou da “quilha de Minerva”, uma alusão à *Argonáutica*, diz Estácio a Lucano: “tu, caro ao Lácio, lembrado dos teus, / mais alto, comporás, togado carne”.<sup>29</sup> Observe-se a oposição entre os poemas de assunto grego e o *carmen togatum*, “poema togado”: Estácio, escrevendo cerca de trinta anos depois da morte de Lucano, marca a recepção da obra lucaniana como uma de caráter togado, ou em outras palavras, de aspecto propriamente romano, em uma nomenclatura que a crítica literária da época já havia usado para outros textos, indicando justamente como *togatus* o que tinha tema e caráter tipicamente romano em oposição ao grego, como fez Cícero<sup>30</sup> em relação ao teatro, e Horácio<sup>31</sup> na *Arte poética*, como lembra Vieira.<sup>32</sup> Isto significa que, apesar de a épica histórica ter sido a tradicional em Roma, a *Eneida*, ao se centrar no mito, ainda que o ligasse à história recente, reinventou a tradição épica romana, recriando-a e consolidando um novo modo de expressão épica que se tornou muito rapidamente o paradigma, suplantando o anterior.

Para fazer frente à enorme sombra de Vergílio, ou à “angústia da influência”<sup>33</sup> que ele traria a toda a literatura latina posterior, Lucano escolhe um caminho diverso daquele trilhado por Vergílio e por Ovídio, retomando e retrabalhando a própria tradição romana da épica histórica, concentrando-a em uma temporalidade mais limitada do que a dos *Anais*, removendo o aparato divino e evitando os mitos de fundação:<sup>34</sup> ele se concentra nas *res gestae*, e não na *fabula*<sup>35</sup>, talvez justamente para radicalizar o distanciamento em relação à então hegemônica epopeia mitológica.<sup>36</sup> Assim, a sua inacabada obra *De Bello Civili*, “Sobre a Guerra Civil”, que a posteridade rebatizou *Pharsalia* em função da descrição da batalha de Farsalos que toma o sétimo livro do poema, apresenta as vicissitudes da guerra civil entre César e Pompeu. É um tema histórico, sem dúvida alguma, narrando fatos ocorridos cerca de cem anos antes da escrita do poema – mas não costuma

<sup>28</sup> Uma primeira incursão e tentativa de pensar este tema para a literatura latina se encontra em LEITE, Leni Ribeiro. Texturas do discurso histórico: apontamentos para um estudo da linguagem dos textos historiográficos latinos. *Revista Alethéia de Estudos sobre Antiguidade e Medievo*, v. 2, n. 2, ago-dez., 2010.

<sup>29</sup> Stat., *Silv.* 2.7.52-53. Ver STATIUS. *Silvae*. Cambridge: Harvard University, 2003.

<sup>30</sup> Cic., *Sest.* 118. Ver CICERO. *Pro Sestio*. In *Vatinium*. B. *Orationes*. Cambridge: Harvard University, 1958.

<sup>31</sup> Hor., *Ars.* 288. Ver TRINGALI, Dante. *A arte poética de Horácio*. São Paulo: Musa, 1994.

<sup>32</sup> VIEIRA, Brunno Vinícius Gonçalves, *op. cit.*, p. 39 e 40.

<sup>33</sup> VASCONCELLOS, Paulo Sérgio. *Épica I: Ênio e Virgílio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014, p. 118.

<sup>34</sup> Ver LEITE, Leni Ribeiro. *Épica II: Ovídio, Lucano, Estácio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p. 50.

<sup>35</sup> Ver VIEIRA, Brunno Vinícius Gonçalves, *op. cit.*, p. 39.

<sup>36</sup> Claro que, como diz Casali, nem Vergílio nem Lucano podem ser concebidos de forma monolítica; o diálogo intertextual com Vergílio é um ato de interpretação e de negociação que aceita em partes e em partes ataca ou subverte a épica vergiliana. Cf. CASALI, Sergio. *The Bellum Civile as an Anti-Aeneid*. In: ASSO, Paolo (ed.), *op. cit.*, p. 82.

ser encontrada no rol dos textos historiográficos nem usada como fonte fidedigna para o período Neroniano.

No entanto, a obra de Lucano não é posta em xeque apenas como historiografia: mesmo como poesia, a leitura da *Farsália* para quem esteja acostumado à épica mitológica no estilo vergiliano é surpreendente. Hardie<sup>37</sup> explica esse fenômeno ao chamar a obra de um poema cujo engenho “apresenta uma relação complexa entre fantasia poética e realidade histórica”: as ações são movidas por agentes humanos, sem os mais comuns expedientes do plano divino, do destino maior previamente traçado, do *concilium deorum*; há, quando muito, a Fortuna, Roma, a Fama e outras abstratas personificações a contemporizar as ambições humanas. Como Henderson<sup>38</sup> observa, não há lugar na *Farsália* para os Fados, tão importantes no poema vergiliano; em Lucano, eles são substituídos pela Fortuna, que não está a serviço do destino teleológico que leva à grandeza e supremacia romanas, mas traz o cumprimento da maldição de Dido, dos desejos de Juno, da ameaça de Jugurta, das vinganças de Aníbal, dos gauleses e dos demais povos oprimidos por Roma, estando ausentes os deuses romanos, que nada fizeram para impedir a calamidade da guerra civil. A Fortuna não é uma deidade romana; ela age em relação aos romanos como faz com todos os povos: tanto dá como toma.<sup>39</sup>

O próprio Lucano, já no início de seu poema, chama a atenção para a diferença na poesia épica por ele praticada: na invocação a Nero, ele descreve sua obra como *Romana carmina*, “poemas romanos” (1.66). Para esse tipo de poética, o imperador é fonte de inspiração suficiente, não sendo necessárias as Musa ou deusas de qualquer outro tipo. Esse é um primeiro elemento para o qual chamamos atenção: a ausência de uma musa inspiradora ou uma deidade responsável pelo canto. A *Farsália* é o canto de um homem – ainda que poeta inspirado, *vates*<sup>40</sup> – inspirado por outro homem – ainda que um imperador e, portanto, destinado à apoteose –,<sup>41</sup> é uma fuga à textura esperada da épica mitológica. Sugerimos que a dedicatória de Lucano, e mais do que isso, a substituição do deus ou deusa pelo imperador, é uma marca de não-pertencimento deste texto à épica da fabula, e uma marca de pertencimento àquele outro tipo de texto, o das *res gestae*, histórico, posto que encontramos dedicatórias semelhantes em textos do mesmo período, mas apenas nos de caráter mais *factual*, em prosa. Tomaremos como exemplo o prefácio à *História natural*, de Plínio, o Velho, publicada por volta do ano 77 e dedicada ao imperador Tito.

## As dedicatórias de Lucano e de Plínio

Dedicatórias de obras a pessoas importantes eram comuns desde a República, tanto em obras em verso como em prosa: Catulo<sup>42</sup> oferece seu livro a Cornélio Nepos, Vergílio<sup>43</sup> endereça as *Geórgicas* a Mecenas, Vitruvius<sup>44</sup> se desculpa por ocupar o tempo de Augusto com sua obra. No entanto, o prefácio de Plínio, o Velho, não apenas dedica a obra a um poderoso: o imperador é como uma divindade, que inspira e é cultuada. O imperador não é apenas o recipiente ou destinatário da obra: ele ocupa o lugar da divindade, que é também o que observamos na *Farsália* (mas não na *Eneida* de Vergílio, não nas *Metamorfoses* de Ovídio, não nas *Punica* de Sílio Itálico).<sup>45</sup> Comparem-se os textos de Lucano e Plínio, o Velho:

*Pois se à vinda de Nero não diversa o Fado*

<sup>37</sup> HARDIE, Philip. Lucan's *Bellum Civile*. In: BUCKLEY, Emma e DINTER, Martin (ed.). *Companion to the Neronian Age*. Hoboken, New Jersey: Wiley-Blackwell, 2013, p. 225.

<sup>38</sup> HENDERSON, John. Lucan: the Word at War. In: BOYLE, A. J. (ed.) *The Imperial Muse: Ramus Essays on Roman Literature of the Empire*. To Juvenal through Ovid. Bendigo-Australia: Aureal, 1987, p. 149.

<sup>39</sup> Ver REED, Joseph D. *The Bellum Civile as a Roman epic*. In: ASSO, Paolo (ed.), *op. cit.*, p. 25.

<sup>40</sup> Luc., 1.63. Ver LUCAN. *The civil war*. Cambridge: Harvard University, 1989.

<sup>41</sup> *Idem, ibidem*, 1.45-59.

<sup>42</sup> Catull. 1.1-3. Ver CATULO. *O livro de Catulo*. São Paulo: Edusp, 1996.

<sup>43</sup> Verg. G. 1.2. Ver VIRGIL. *Georgics*. Oxford: Oxford University, 2009.

<sup>44</sup> Vitruv., *De arch., praef.*1-3. Ver VITRUVIO. *Da arquitetura*. São Paulo: Hucitec/Fundação para a Pesquisa Ambiental, 1999.

<sup>45</sup> Mas o mesmo procedimento já se vê nos *Cantos Argonáuticos*, de Valério Flaco, escritos ao menos em parte menos de dez anos depois da morte de Lucano. Atribuímos isso à probabilidade de Lucano ter muito rapidamente se tornado modelar, visto que é elogiado por Quintiliano e Estácio, contemporâneos de Flaco.

<sup>46</sup> Luc., op. cit. 1.33-66.  
*Quod si non aliam uenturo fata*  
*Neroni*  
*inuenere uiam magnoque aeterna*  
*parantur*  
*regna deis caelumque suo seruire*  
*Tonanti 35*  
*non nisi saeuorum potuit post*  
*bella gigantum,*  
*iam nihil, o superi, querimur;*  
*scelera ipsa nefasque*  
*hac mercede placent. diros Phar-*  
*salia campos*  
*impleat et Poeni saturentur san-*  
*guine manes,*  
*ultima funesta concurrant proelia*  
*Munda 40*  
*his, Caesar, Perusina fames Muti-*  
*naeque labores*  
*accedant fati et quas premit as-*  
*pera classes*  
*Leucas et ardenti seruilia bella*  
*sub Aetna,*  
*multum Roma tamen debet ciui-*  
*libus armis*  
*quod tibi res acta est. te, cum*  
*statione peracta 45*  
*astra petes serus, praelati regia*  
*caeli*  
*excipiet gaudente polo: seu scepra*  
*tenere*  
*seu te flammigeros Phoebi cons-*  
*cendere currus*  
*telluremque nihil mutato sole*  
*timentem*  
*igne uago lustrare iuuat, tibi nu-*  
*mine ab omni 50*  
*cedetur, iurisque tui natura re-*  
*linquet*  
*quis deus esse uelis, ubi regnum*  
*ponere mundi.*  
*sed neque in Arctoo sedem tibi*  
*legeris orbe*  
*nec polus auersi calidus qua uer-*  
*gitur Austri,*  
*unde tuam uideas obliquo sidere*  
*Romam. 55*  
*aetheris immensi partem si pres-*  
*seris unam,*  
*sentiet axis onus. librati pondera*  
*caeli*  
*orbe tene medio; pars aetheris*  
*illa sereni*  
*tota uacet nullaeque obstent a*  
*Caesare nubes.*  
*tum genus humanum positus sibi*  
*consulat armis 60*  
*inque uicem gens omnis amet; pax*  
*missa per orbem*  
*ferrea belligeri conpescat limina*  
*Iani.*  
*sed mihi iam numen; nec, si te*  
*pectore uates*  
*accipio, Cirrhaea uelim secreta*  
*mouentem*  
*sollicitare deum Bacchumque*  
*auertere Nysa: 65*  
*tu satis ad uires Romana in car-*  
*mina dandas.*

*via encontrou, se caro se compram dos deuses*  
*reinos eternos e servir ao seu Tonante 35*  
*não pode o céu sem guerrear antes Titãs,*  
*já nada, deuses, lamentamos; com tal prêmio*  
*infâmia e crime agradam. Que Farsália encubra*  
*os vis campos de sangue e sacie almas Púnicas,*  
*que funesta na extrema Munda a luta ocorra, 40*  
*a isso, a fome de Perúsia e o prélio em Mútina*  
*se somem, César, e os navios que a dura Lêucade*  
*feriu e as servis guerras no Etna ardente,*  
*muito Roma, afinal, deve às lutas civis*  
*feitas p'ra ti. Ao perfazeres tua estada, 45*  
*velho aos astros irás e o paço etéreo eleito*  
*te acolherá, com céu festivo: quer te agrade*  
*tomar o cetro, ou conduzir de Febo o carro*  
*flamífero e luzir a terra destemida*  
*do novo sol com fogo errante. Ceder-te-á 50*  
*o passo todo nume e terás por direito*  
*ser qualquer deus e pôr teu reino onde quiseres.*  
*Mas nem venhas buscar pr'a ti morada no Ártico,*  
*nem onde o quente céu do Austro oposto se volta:*  
*tua Roma, dali, verias de astro obliquo. 55*  
*Do éter imenso se uma só parte ocupares,*  
*o eixo irás pesar; do equilibrado céu*  
*mantém-te ao meio; do éter sereno tal parte*  
*está vaga e que nimbo algum obstrua César.*  
*Então, depondo as armas, que os homens se cuidem, 60*  
*e todos se amem de uma vez, que a paz geral*  
*trave de Jano belicoso as férreas portas.*  
*Mas já te aceito por deus-guia, e se me inspiras,*  
*de Cirra, eu, sacerdote, não quero invocar*  
*os arcanos, nem Baco de Nisa: tu bastas*  
*para inspirar vigor a este carne Romano.<sup>46</sup>*

*Estes livros de História Natural, obra incomum para as musas dos teus Romanos, nascidos de mim, filhos recentes, decidi tomar a liberdade de dedicar a ti, jucundíssimo imperador; seja esse seu epíteto, muito verdadeiro, enquanto o de "o grande" envelheça com seu pai [...] quando concordei em fazer esta obra, não eras tu o juiz. Eu sabia que tu eras elevado demais para que eu pensasse que descerias ao meu nível. [...] Sei bem que tu, ocupando como estás o mais alto posto do gênero humano, dotado da maior eloquência, da maior erudição, és procurado com veneração também por aqueles que vêm prestar saudações, e sei também que eles tomam cuidado para que o que quer que dediquem a ti seja digno. De fato os camponeses e muitos povos dedicam leite aos deuses, e os que não possuem incenso oferecem bolos salgados, pois não há pecado em cultuar os deuses da melhor maneira que se pode. [...] Este favor tu mesmo me prestas, porque eu escrevo para ti. Isto dá boa reputação à obra, isto é seu valor. Pois muitas coisas são consideradas de grande valor só porque são dedicadas nos templos.<sup>47</sup>*

Em ambos os textos, o imperador é comparado e ocupa o espaço tradicionalmente reservado à divindade. No caso de Lucano, após afirmar que todo o sofrimento das guerras civis (tanto a que ele narra, de César

e Pompeu, quanto a seguinte, mais próxima temporalmente dele mesmo, entre Marco Antônio e Otávio) são suportáveis posto que pavimentaram o caminho para a ascensão dos Júlio-Cláudios e conseqüentemente de Nero (versos 33 a 45), Lucano descreve a apoteose de Nero que, idoso, subiria aos céus e tomaria o lugar de qualquer deus (versos 45 a 59). O poeta encerra o trecho dizendo claramente que não pedirá auxílio e inspiração aos deuses (ou seja, textualmente nega o expediente épico comum anterior a ele), mas que Nero será seu deus-guia (*numen*), suficiente para o seu canto romano. Talvez se possa aqui sugerir que Lucano esteja propositadamente criando uma outra ponte com o gênero historiográfico se retomarmos o que diz Tito Lívio<sup>48</sup> em seu prefácio, ao propor começar sua obra monumental com bons presságios e votos (*cum bonis ominibus votisque*) e ao afirmar que o faria também com preces aos deuses e deusas “se também fosse para nós o hábito, como para os poetas” (*precationibus deorum dearumque, si, ut poetis, nobis quoque mos esset*). Lucano, o poeta, se recusa a começar sua obra com as preces aos deuses e deusas, porque sua obra, um carme romano, não precisa disso; sua obra é um *carmen togatum*, é uma obra de cunho factual.

Plínio, o Velho, se talvez mais contido, acaba por fazer algo semelhante ao que propõe Lucano, numa obra que ninguém duvidaria em pôr no rol das factuais: a monumental *História Natural*, uma enciclopédia em trinta e sete tomos contendo todo o conhecimento da época sobre o mundo, da geografia à medicina. Ele começa seu prefácio de forma tradicional, dedicando a obra ao imperador. No entanto, o epíteto usado para se referir a ele é pouco usual, um dado que o próprio Plínio observa. Ao usar o epíteto *iucundissime* para se referir a Tito (reservando o mais tradicional *maximus* para o pai), Plínio parece não só realçar sua proposta de modificar os epítetos comumente usados para o imperador, em consonância talvez com a novidade que a sua obra representa no panorama literário latino, como também buscar um termo mais apropriado para um deus: *iucundus*<sup>49</sup>, derivado de *iuvo*, que significa auxiliar, assistir, suportar, beneficiar; esse termo ecoa expressões como *deus iuvat* (um deus auxilia); *dis iuvantibus* (com os deuses ajudando), *Fortuna iuvante* (com auxílio da Sorte/do Destino) e outras expressões de tom ou cunho religioso.<sup>50</sup> Logo adiante, ele realça as muitas qualidades de Tito, claramente dizendo que ele está em nível superior; segue-se então a comparação aos deuses, tanto nas ofertas de leite e incenso, quanto a menção aos templos no fim do trecho citado, que não parecem deixar dúvidas sobre a posição divina ocupada por Tito.

## O escudo de Numa

Um segundo aspecto da textura do poema lucaniano que compõe um fazer historiográfico dentro do campo literário no qual o autor se movimenta é considerado típico da historiografia pelos próprios romanos e também pela História oitocentista: o comprometimento com explicações naturais, ou ao menos o despreço pelo sobrenatural. A ausência de deidades no *De Bello Civili* é citada como uma das suas características mais marcantes,<sup>51</sup> não está porém em qualquer descompasso com o que se esperaria encontrar em um historiador. Os historiadores romanos mais tradicionalmente canônicos são justamente os que mais se aproximam desse ideal, e Tito Lívio em especial tem sido objeto de discussão entre especialistas quanto a seu ceticismo em tudo o que se relaciona com o sobrenatural ou com os prodígios de toda sorte, que ele relata mas tende a marcar textualmente

<sup>47</sup> Plin., *HN*, *praef.* 1, 6, 11, 19. Ver PLINY. *Natural History*, Books 1-2. Cambridge: Harvard University, 1938.

Todas as traduções em que não há indicação de autoria são de nossa responsabilidade. *Libros Naturalis Historiae, novicium Camenis Quiritium tuorum opus, natos apud me proxima fetura licentiore epistula narrare constitui tibi, iucundissime Imperator; sit enim haec tui praefatio, verissima, dum maximi consenescit in patre. [...] cum hanc operam condicerem, non eras in hoc albo. maiorem te sciebam, quam ut descensurum huc putarem. [...] Te quidem in excelsissimo generis humani fastigio positum, summa eloquentia, summa eruditione praeditum, religiose adiri etiam a salutantibus scio, et ideo curant, quae tibi dicantur ut digna sint. Verum dis lacte rustici multaeque gentes et mola litant salsa qui non habent tura, nec ulli fuit vitio deos colere quoquo modo posset. [...] hoc ipsum tu praestas, quod ad te scribimus. haec fiducia operis, haec est indicatura. multa valde pretiosa ideo videntur, quia sunt templis dicata.*

<sup>48</sup> Liv. *Praef.*13. Ver LIVY. *History of Rome*. Cambridge: Harvard University, 1940.

<sup>49</sup> JUCUNDUS. In: FORCELLINI, Egidio. *Totius Latinitatis Lexicon*. Lipsiae: Libraria Hahniana, 1835, p. 960.

<sup>50</sup> Ver JUVO. In: FORCELLINI, Egidio, *op. cit.*, p. 974.

<sup>51</sup> Ver BARTSCH, Shadi. *Ideology in Cold Blood: a reading of Lucan's Civil War*. Cambridge: Harvard University, 1997, p. 63.

<sup>52</sup> Talvez o trecho mais citado em relação a este aspecto seja 27.23.2. Uma discussão longa sobre o tema se encontra em LEVENE, D. S. *Religion in Livy*. Leiden: Brill, 1993. Veja-se em especial as p. 16-20.

<sup>53</sup> Além dos trechos de Tito Lívio e Lucano referidos aqui, o episódio aparece também em Ov., *Fast.*, 3.259-398; Verg, *A.*, 8.664. Ver OVÍDIO. *Fastos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015 e VIRGÍLIO. *Eneida*. São Paulo: Editora 34, 2016.

<sup>54</sup> Liv., *op. cit.*, 1.20.

<sup>55</sup> Liv., *op. cit.*, 1.19. [...] *omnium primum, rem ad multitudinem imperitam et illis saeculis rudem efficacissimam, deorum metum iniciendum ratus est.*

<sup>56</sup> Liv., *op. cit.*, 5.54.7. *Hic Capitolium est, ubi quondam capite humano invento responsum est eo loco caput rerum summamque imperii fore; [...] hic Vestae ignes, hic ancilia caelo demissa, hic omnes propitii manentibus vobis di.*

<sup>57</sup> *Idem, ibidem*, 5.55.1. *Movisse eos Camillus cum alia oratione, tum ea quae ad religiones pertinebat maxime dicitur.*

<sup>58</sup> Luc., *op. cit.*, 9.304.

<sup>59</sup> LUCANO, 9.303-314. Cf. ASSO, Paolo. And Then It Rained Shields: Revising Nature and Roman Myth. In: ASSO, Paolo (ed.), *op. cit.*, p. 387 e 388.

<sup>60</sup> ASSO, Paolo. And Then It Rained Shields: Revising Nature and Roman Myth. In: ASSO, Paolo (ed.), *op. cit.*, p. 388.

como duvidosos ou espúrios.<sup>52</sup> Assim, a particularidade de Lucano que espanta na épica é característica usual da textura historiográfica.

Observemos, apenas como exemplo, o tratamento dado por ambos os autores a um episódio que é também citado por outros autores latinos:<sup>53</sup> o do escudo de Numa. Segundo conta Ovídio, durante o governo de Numa Pompílio, tendo Numa, com ajuda de Pico e Fauno, conseguido uma audiência com Júpiter, este ensinou a Numa como evitar uma inundação, que amedrontava a população, e prometeu ao rei que, no dia seguinte, daria a ele prova pública de seu poder. No momento do nascer do sol, estando todo o povo à porta da morada de Numa, ouviram-se três trovões, viram-se três raios e dos céus caiu um escudo. Numa o pegou do chão, em meio ao clamor popular, e ordenou que se fizessem cópias, sendo então o original e as cópias postos a cargo dos sacerdotes sálíos.

Em Ovídio, esta narrativa toma quase cento e cinquenta versos, e é detalhada, como convém à poesia e ao tema da obra ovidiana. Já Tito Lívio<sup>54</sup> não conta a lenda do escudo vindo dos céus durante sua narrativa sobre o governo de Numa, onde se esperaria: ele apenas cita os escudos como parte dos afazeres dos sacerdotes sálíos ao levarem as armas celestes (*caelestia arma*) chamadas anciles (*ancilia*) em procissão, pontuando o que seria de conhecimento geral através do adjetivo *caelestia*. Esse pouco detalhamento dos elementos sobrenaturais é explicado antes deste trecho, quando o ceticismo em relação aos portentos legados pelas lendas como tendo ocorrido durante o governo de Numa já havia sido estabelecido. Em 1.19, Tito Lívio explica a razão política para que Numa se utilizasse de lendas e misticismo: “[Numa] julgou antes de tudo dever ser incutido o medo dos deuses, coisa extremamente eficaz em um povo naquela época ignorante e rude”.<sup>55</sup> Esta é a postura comumente encontrada em Tito Lívio quanto ao sobrenatural. Mais adiante, no livro 5, durante o episódio da guerra contra os gauleses, por ocasião da fala de Camilo, ele também lista o escudo vindo dos céus junto a presságios e portentos absurdos do passado lendário: “Eis aqui o Capitólio, onde dizem que no passado, tendo sido encontrada uma cabeça humana, neste local viria a ser a cabeça de tudo e o ponto mais alto do império [...]; aqui estão as piras de Vesta, aqui os escudos enviados do céu, aqui todos os deuses propícios a vós, se aqui permanecerdes”.<sup>56</sup> Os acontecimentos dignos de dúvida são usados por Camilo não por serem verídicos, ou mesmo críveis, mas como instrumentos de persuasão, por convencerem os crédulos. Tito Lívio novamente aponta para essa razão logo adiante no mesmo trecho: “Diz-se que Camilo moveu-os [os romanos] com aquele discurso, em especial por aquilo que tinha a ver com a religião”.<sup>57</sup>

Lucano menciona o escudo de Numa no canto 9 de seu poema, em um momento especialmente difícil da narrativa: Pompeu morre no livro 8, deixando acéfalo seu exército. No início do livro 9, a alma de Pompeu flutua pelos astros, e acaba pousando na alma de Catão, que se torna então o líder dos pompeianos. Catão decide reagrupar o exército, juntando suas forças dilapidadas com as do rei Juba, e para isso, os soldados devem cruzar parte da África, passando pelas temidas Sirtes, uma área de costa em que os baixios são numerosos e mutáveis, tornando a navegação perigosa. Lucano descreve as Sirtes como áreas deixadas pela natureza a meio caminho entre o oceano e a terra firme (*in dubio pelagi terraeque*),<sup>58</sup> e avança possibilidades científicas para a sua peculiaridade, citando inclusive a teoria estoica das marés.<sup>59</sup> Segue-se então o que Paolo Asso<sup>60</sup> classificou como um paradoxo:

a descrição de uma tempestade no mar em um espaço que, como Lucano mesmo disse, não é um mar; e de uma tempestade que não é a rigor uma tempestade, mas um obstáculo marítimo constante em sua inconstância. Os pompeianos acabam naufragando nas Sirtes, e a descrição do naufrágio, dos versos 319 a 347, é carregada de referências a outras tempestades em outras epopeias. Já neste trecho, há menção aos fortes ventos, que arrancam velas dos mastros e deixam as embarcações sem cordame. Parte dos navios se perde nas Sirtes, mas parte consegue chegar ao lago Titônis. Catão decide então seguir a viagem a pé, marchando através do deserto para evitar os ventos invernais, sabidamente perigosos para a navegação.

O narrador, porém, toma para si novamente uma fala científica, ao explicar, a partir de teorias geográficas, que a região próxima às Sirtes, mesmo em terra, é perigosa e traiçoeira, não apenas pelas areias movediças que surgem como os baixios no mar, não apenas pelo deserto em si, tórrido e inapropriado para a vida humana,<sup>61</sup> mas porque as tempestades são comuns também em terra, empurradas pelo vento do sul através das Sirtes. O vento levanta a areia do deserto em rodamosinhos, trazendo mais destruição do que o fogo, carregando as casas, criando o caos.<sup>62</sup> Este vento é o que leva as armas dos soldados e, em uma terra distante, cria prodígios falsos. Eis o trecho:

*Os capacetes e escudos dos homens,  
e as lanças com violência o vento fez rodopiar  
e carregou sofregamente pelos ares imensos.  
Talvez em terra longínqua e remota  
se tenham tornado um prodígio, e os povos temam  
essas armas caídas do céu e considerem enviado pelos deuses  
o que foi arrancado de braços humanos. Sem dúvida assim  
caíram para o reverendo Numa aquelas que a juventude escolhida  
hoje leva em seu colo patricio: Austro ou Bóreas  
roubou nossos anciles do povo que os levava.*<sup>63</sup>

De forma quase casual (note-se o uso do advérbio *forsan*, talvez), o que Lucano faz nesta passagem é desacreditar uma das mais antigas tradições romanas, propondo em seu lugar uma racionalização do mito do escudo de Numa. Ele sugere que a sabedoria mítica tradicionalmente passada de geração em geração, que a própria memória do passado sagrado de Roma pode ser apenas uma interpretação errônea de um fenômeno meteorológico, minimizando ou legando ao descrédito as explicações sobrenaturais.<sup>64</sup> Parece-nos que essa é uma dicção muito próximo da que faz Tito Lívio ao explicar o uso que Numa ou Camilo fizeram de lendas ou superstições para atingir propósitos políticos, de conter a população pelo medo ou levá-la à guerra pela persuasão. Em termos textuais, o sobrenatural tem uma explicação mais racional, explicitada pelo historiador, que não se deixa enganar.

Como se pode observar, Lucano, o poeta épico, se aproxima em muito de expedientes históricos já estabelecidos. Seria possível citar também aqui a desmitificação de lugares fantásticos ou lendários que é outra constante no poema de Lucano: as Hespérides, onde esteve Hércules, e o lago Titônis, às margens do qual nasceu Atena, são visitados pelos soldados de Pompeu no mesmo livro 9, e, apesar de o narrador lembrar que esses locais são citados em mitos, eles não têm nada de quimérico ou irreal, e nada de exótico ocorre aos soldados que os visitam. Mais adiante, a visita de César



<sup>61</sup> Luc., *op. cit.*, 9.411-435.

<sup>62</sup> Luc., *op. cit.*, 9.445-453.

<sup>63</sup> Luc., *op. cit.*, 9.471-480. [...] *galeas et scuta uirorum  
pilaque contorsit uiolento spiritus  
actu  
intentusque tulit magni per inania  
caeli.  
illud in extrema forsane longeque  
remota  
prodigium tellure fuit, delapsaque  
caelo  
arma timent gentes hominumque  
erepta lacertis  
a superis demissa putant. sic illa  
perfecto  
sacrificio cecidere Numae, quae  
lecta iuuentus  
patricia ceruice mouet: spoliauerat  
Auster  
aut Boreas populos ancilia nostra  
ferentes.*

<sup>64</sup> ASSO, Paolo. And Then It Rained Shields: Revising Nature and Roman Myth. In: ASSO, Paolo (ed.), *op. cit.*, p. 384 e 385.

<sup>65</sup> Luc., *op. cit.*, 9.964-979. *Circumit exustae nomen memorabile Troiae magnaue Phoebei quaerit uestigia muri. Iam siluae steriles et putres robore trunci Assaraci pressere domos et templa deorum iam lassa radice tenent, ac tota teguntur Pergama dumetis: etiam periere ruinae. Aspicit Hesionas scopulos siluaque latentis Anchisae thalamos; quo iudex sederit antro, unde puer raptus caelo, quo uertice Nais luxerit Oenone: nullum est sine nomine saxum. Inscius in sicco serpentem puluere riuum transierat, qui Xanthus erat. Securus in alto gramine ponebat gressus: Phryx incola manes Hectoreos calcare uetat. Discussa iacebant saxa nec ullius faciem seruantia sacri: "Herceas" monstrator ait "non respicis aras?".*

<sup>66</sup> REED, Joseph D., *op. cit.*, p. 24 e 25.

<sup>67</sup> BARTSCH, Shadi. Lucan and Historical Bias. In: ASSO, Paolo (ed.), *op. cit.*, p. 303 e 304.

<sup>68</sup> Luc., *op. cit.*, 5.310-316. O mesmo tipo de interpelação às personagens ocorre com frequência e em muitos outros momentos da narrativa, talvez os mais notáveis Luc., *op. cit.*, 7.168-171 e Luc., *op. cit.*, 9.1046-62.

a Troia é igualmente uma lembrança de que aqueles lugares maravilhosos só existem nas fábulas; em Lucano, eles são tristemente reais:

*Circula por Troia queimada, de nome memorável,  
e as grandes ruínas procura do muro de Febo.  
Já bosques estéreis e troncos decíduos oprimem  
os tetos de Assáraco, e velhas raízes já tomam  
os templos dos deuses, e Pérgamo toda coberta  
por sarças se encontra; até mesmo as ruínas morreram.  
Já vê-se de Hesíone a rocha e o leito secreto  
de Anquises no bosque; em que antro o juiz se sentou;  
de onde o menino levado para o céu; de que pico  
a Náíade Enone chorou: não há pedra sem nome.  
Inculto, cruzou o riacho que serpenteava  
em meio ao pó seco: era o Xanto. Sem medo, passava  
por sobre o gramado, mas o íncola frígio o proíbe  
pisar sobre os manes de Heitor. Espalhadas as pedras  
jaziam sem jeito ou semblante de nada sagrado;  
o guia pergunta: "O altar não respeitas de Zeus?".<sup>65</sup>*

César precisa procurar os muros de Febo, que no mito são sempre altíssimos, porque de fato eles são só ruínas difíceis mesmo de ver; Pérgamo não é mais a dourada, e sim coberta de vegetação; o rio Xanto, fronteira importante tantas vezes citada na *Ilíada*, é um riacho ínfimo em meio ao pó; e nem mesmo o túmulo de Heitor se distingue das demais pedras sem nome. O contraste com as demais representações desses locais nas epopeias do ciclo troiano não precisa ser descrito; Lucano busca uma textura do factual em seu poema, que, acreditamos, reforça seu caráter historiográfico, facilmente comparável ao de outras obras reconhecidas como de cunho factual, como as de Tácito ou Tito Lívio entre os romanos.

Gostaríamos porém de acrescentar ainda outros aspectos que, ainda que não considerados típicos dos historiadores romanos, também acreditamos que devam ser contados como parte da busca por uma textura historiográfica para a obra de Lucano. Isso porque há obras historiográficas romanas menos frequentemente lembradas, mas que próximas temporalmente de Lucano e que apresentam elementos em comum com a obra aqui em questão.

### Interpelações historiográficas

Um aspecto da textura da *Farsália* já foi pontuado pela crítica como extremamente contrário ao que se espera de um historiador – mas também de um poeta épico: a voz do narrador. Reed<sup>66</sup> menciona como a voz de Lucano no poema é apaixonada, interessada, romana, em oposição a uma voz mais descolorida de Vergílio. De fato, Lucano com alguma frequência abandona a posição de narrador desinteressado e expressa claramente suas preferências, opiniões e sofrimento acerca daquilo que narra: a guerra civil, a liberdade, o império, o destino dos romanos, como por exemplo em 7.385-459. Shadi Bartsch<sup>67</sup> nota que, em muitos momentos, vislumbra-se ódio ou mesmo vingança na voz do narrador, uma primeira pessoa que quebra o distanciamento da narrativa, perguntando por exemplo a Júlio César, personagem da epopeia, se ele não se envergonha de fazer uma

guerra que seus próprios soldados condenam, e dizendo que ele deveria se cansar de cometer crimes.<sup>68</sup> Essa voz do narrador, já chamada pela própria Bartsch<sup>69</sup> como pró-Pompeu ou mesmo Republicana, pode parecer não apenas sem precedentes na própria épica, mas especialmente inaceitável em uma obra de caráter historiográfico, em que as qualidades apontadas em Lucano por Quintiliano, avaliando sua obra menos de cinquenta anos mais tarde, a saber, a de ser *ardens et concitatus*,<sup>70</sup> veemente e vertiginoso, estão especialmente em contraste com a escrita *sine ira et studio*,<sup>71</sup> sem raiva e parcialidade, ideal de Tácito.

No entanto, em que pese a opinião de Tácito e a constante repetição do *tópos* da isenção do historiador, apontada por Marincola<sup>72</sup> como um cuidado em aparecer objetivo e escrever para todos, e não de modo individual, temos, entre o pouco que nos resta da produção historiográfica do primeiro século, uma obra historiográfica que não apenas não segue esses padrões como apresenta elementos de textura muito próximos dos que vemos em Lucano, inclusive este narrador parcial e opinativo. Os dois livros das *Historiae Romanae*, de Veleio Patérculo, que infelizmente chegaram a nós em estado fragmentário, com ausência justamente da parte inicial do livro 1, compõem um texto em prosa, de tema claramente historiográfico. O que nos restou dele cobre o período da batalha de Pydna, em 148 AEC, até 30 EC, um período de particular interesse justamente pela ausência de outras fontes antigas sobre o período, como alerta Shipley<sup>73</sup> na sua introdução à tradução da obra. Veleio, porém, como Lucano, interpela as suas personagens, mortas há dezenas ou centenas de anos; expressa sua tristeza ou horror frente aos fatos que narra; elogia as ações daqueles com os quais ele concorda – em Veleio, Tibério. Bartsch<sup>74</sup> considera que o mais notável desses momentos em que o narrador irrompe sobre os fatos da narrativa em Veleio é a reprimenda a Marco Antônio após a morte de Cícero, que aqui reproduziremos como exemplo único de outros encontráveis na obra.<sup>75</sup>

3 Nada de fato conseguiste, Marco Antônio – pois a indignação que me irrompe da alma e do peito me força a exceder o formato proposto à minha obra – nada, eu digo, conseguiste transformando em mercadoria esta boca diviníssima e esta famosíssima cabeça decapitada, e, com uma recompensa em dinheiro, instigando a morte de tão importante cônsul e daquele que foi um dia o salvador da república. 4 Tomaste de Marco Cícero dias de preocupação, anos de velhice, e uma vida que seria mais infeliz sob teu triunvirato do que a morte, mas a fama e a glória dos seus feitos e das suas palavras, ao contrário, não as suprimiste, mas as aumentaste. 5 Ele vive e viverá por toda a memória dos séculos, enquanto permanecer incólume a matéria do universo, constituída seja pela sorte, seja pela providência, ou pelo que quer que seja; a matéria que ele, quase único entre os romanos, viu com seu espírito, compreendeu com seu intelecto, iluminou com sua eloquência. Ela carregará, companheiro de sua eternidade, o louvor de Cícero, e toda a posteridade admirará os discursos dele contra ti, execrará o que foi feito por ti contra ele, e mais rapidamente o gênero humano se apagará do mundo do que dele o nome de Cícero.<sup>76</sup>

Veleio Patérculo abertamente escolhe um lado nos eventos que narra: ele está contra Marco Antônio e, conseqüentemente, não só a favor de Cícero, mas também a favor de Otávio, a quem Marco Antônio logo depois na narrativa vai se opor e para quem vai perder outra batalha importante, a de Filipos, também trazida à tona por Lucano em comparação à de Farsalos.<sup>77</sup> A interpelação às personagens é marcada como inadequada

<sup>69</sup> BARTSCH, Shadi. Lucan and Historical Bias. In: ASSO, Paolo (ed.), *op. cit.*, nota 51, p. 79.

<sup>70</sup> Quint. *Inst.* 10.1.90. Ver QUINTILIAN. *The Orator's Education*. Cambridge: Harvard University, 2002, 5v.

<sup>71</sup> Tac. *Ann.* 1.1. Ver TACITO. *Histories: Book 4-5. Annals: Books 1-3*. Loeb Classical Library 249. Cambridge: Harvard University, 1931.

<sup>72</sup> Marincola, John. *Authority and Tradition in Ancient Historiography*. Cambridge: Cambridge University, 1997.

<sup>73</sup> SHIPLEY, Frederick W. Introduction. In: VELLEIUS PATERCULUS and *Res Gestae Divi Augusti*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University, 1924.

<sup>74</sup> BARTSCH, Shadi. Lucan and Historical Bias. In: ASSO, Paolo (ed.), *op. cit.*, p. 313 e 314.

<sup>75</sup> Tais como Vell. Pat. 2.52-3; 2.75.2. Ver VELLEIUS PATERCULUS. *The Roman History*. Cambridge: Loeb Classical Library, 1924.

<sup>76</sup> Vell. Pat., *op. cit.*, 2.62.3-5. *Nihil tamen egisti, M. Antoni, (cogit enim excedere propositi formam operis erumpens animo ac pectore indignatio) nihil, inquam, egisti mercedem caelestissimi oris et clarissimi capitis abscesi numerando auctoramentoque funebri ad conservatoris quondam rei publicae tantique consulis irritando necem. 4 Rapuisti tu M. Ciceroni lucem sollicitam et aetatem senilem et vitam miserioem te principe quam sub te triumpho mortem, famam vero gloriamque factorum atque dictorum adeo non abstulisti, ut auxeris. 5 Vivit vivetque per omnem saeculorum memoriam, dumque hoc vel forte vel providentia vel utcumque constitutum rerum naturae corpus, quod ille paene solus Romanorum animo vidit, ingenio complexus est, eloquentia inluminavit, manebit incolume, comitem aevi sui laudem Ciceronis trahet omnisque posteritas illius in te scripta mirabitur, tuum in eum factum execrabitur citiusque e mundo genus hominum quam Ciceronis nomen cedet huius.*

<sup>77</sup> Como em 1.694, em que a matrona em transe afirma *vidi iam Phillipos*; também a referência a *Emathios campos* na abertura (1.1), entre outros.

<sup>78</sup> Luc., *op. cit.*, 7.212-3. *attonitique omnes ueluti uenientia fata, / non transmissa, legent et adhuc tibi, Magne, fauebunt.*

<sup>79</sup> HARTOG, François, *op. cit.*, p. 143-221. Ver BARTSCH, Shadi, *op. cit.*, p. 316.

<sup>80</sup> Joseph., *BJ*, 1.11-12. Ver JOSEFO, Flávio. *Guerra dos judeus*. Curitiba: Juruá, 2002, 4 v.

<sup>81</sup> Há também o precedente de Diodoro Sículo lamentando Corinto (32.26.1), provavelmente bem anterior porém aos demais aqui tratados. A ausência de informações até mesmo sobre o local da escrita da obra também dificulta comparações. Há ainda as digressões em Tácito (*Ann.* 4.32-3; 16.16) que, ainda que muito menos partidárias ou políticas do que as de Lucano ou Veleio, são dignas de nota como uma interrupção feita pela voz do narrador, que se expressa em primeira pessoa.

à forma do seu texto (*cogit enim excedere propositi formam operis erumpens animo ac pectore indignatio*), mas ainda assim é feita de uma forma muito próxima do que vemos Lucano fazer ao interpelar Pompeu (em 7.207-213), um trecho que termina com as seguintes palavras: “e todos, atônitos, lerão esses fados como ainda por vir, e não passados, / e ainda, Pompeu, estarão do teu lado”.<sup>78</sup>

Há ainda outros elementos da textura em Veleio Patérculo que se aproximam do que vemos em Lucano: tanto elementos que poderíamos chamar de próprios dos textos considerados historiográficos da Antiguidade, tais como a relação constante entre passado e presente, que Hartog<sup>79</sup> tematiza e demonstra usando Cícero, Dioniso de Halicarnasso, Tito Lívio e Tácito; como outros que são em geral apontados como pouco característicos dos textos historiográficos, tais como a expressão da dúvida sobre o futuro. É também interessante observar que as interpelações aparecem também em outro historiador normalmente esquecido no cânone dos historiadores romanos: Flávio Josefo que, se mais contido que Veleio Patérculo, também faz uma observação sobre a inadequação de suas expressões de compaixão pelos sofrimentos dos judeus, que aparecem aqui e ali no decorrer de sua obra.<sup>80</sup>

E talvez caiba uma reflexão sobre a exclusão desses autores da lista de historiadores mais consultados e como esses esquecimentos impedem a visão de obras cuja textura foi sem dúvida reconhecida como pertencente ao campo do historiográfico.<sup>81</sup> Tanto Veleio como Josefo estão temporalmente mais próximos de Lucano do que Tito Lívio, e, como buscamos argumentar neste trabalho, Lucano parece estar buscando em seu texto elementos que fariam sua audiência reconhecê-lo como radicalmente factual, ou seja, com uma textura mais próxima daquela do historiográfico. Somos tentados ainda a sugerir que ele teve sucesso na Antiguidade, se recuperarmos o comentário de Sêrvio à *Eneida* (1.382), que, no século IV afirma que “*Lucanus videtur historiam composuisse, non poema*” (Lucano parece ter composto história, não um poema). Acreditamos por fim que a aproximação do historiador e a observação das texturas pode ser um caminho bastante prolífico ainda a se traçar na apreciação de obras as mais diversas, de temporalidades e espacialidades várias, abrindo novos caminhos de reflexão para os historiadores do século XXI.

*Artigo recebido e aprovado em janeiro de 2019.*